A SAÚDE MENTAL COMO PILAR DA FORMAÇÃO DOCENTE: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Alexandre Domingos do Santos[1]
Josemeire Machado Dias[2]

EIXO 2 – Formação de professores/as, Saberes e Fazeres docente na Educação Básica e necessidades socioeducativas contemporâneas

Resumo

A crescente incidência de sofrimento psíquico entre estudantes e professores evidencia a urgência de se discutir a saúde mental no contexto escolar, o que torna o tema uma prioridade inadiável para as políticas educacionais contemporâneas. Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo principal analisar criticamente a relação entre saúde mental e formação docente, compreendendo-a como uma dimensão estruturante das relações educativas e da mediação do conhecimento, e não como um aspecto secundário da prática pedagógica. A pesquisa parte da seguinte pergunta norteadora: "Como integrar, de forma efetiva e estruturante, a saúde mental à formação docente no século XXI?", adota uma abordagem qualitativa, baseada em uma revisão de literatura sistematizada e na análise documental de experiências internacionais exitosas, selecionadas a partir de sua relevância e aplicabilidade ao contexto educacional brasileiro. Entre os modelos analisados estão o programa "*Be You*", da Austrália, e o "*Whole School Approach*", do Reino Unido. A análise evidenciou que, nas experiências estudadas, a presença de políticas intersetoriais, o apoio psicossocial contínuo aos professores e a valorização do bem-estar docente contribuíram significativamente para a melhoria do ambiente escolar. Esses elementos apontam caminhos possíveis para o fortalecimento da saúde mental no contexto educacional brasileiro, onde o tema ainda é tratado de forma incipiente ou negligenciado. Conclui-se que a reconfiguração da cultura formativa e institucional é essencial para que o professor seja reconhecido como sujeito integral, com demandas emocionais legítimas, e como mediador dos afetos e conflitos presentes no ambiente escolar. Assim, a escola deve deixar de ser um espaço de sobrecarga e silenciamento, para se tornar um território de cuidado, diálogo e desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Saúde mental. Formação docente. Psicopedagogia. Bem-estar escolar.

Introdução

Para além da transmissão de conhecimentos, a escola é um espaço simbólico de convivência, formação de subjetividades e construção de sentidos, onde se manifestam as

[1] UNICID; Psicólogo; alx.alex@icloud.com.
[2] Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Artista Plástica; josemeiredias@gmail.com.

ISSN 2674-7227

múltiplas expressões da condição humana, inclusive o sofrimento psíquico. Nas últimas décadas, têm se intensificado os sinais de adoecimento emocional nas instituições educativas, causados por exigências de desempenho, sobrecarga e solidão, enquanto a saúde mental segue, em grande parte, como tema periférico nas práticas pedagógicas e políticas públicas, frequentemente desvinculado da formação docente.

O presente trabalho parte da premissa de que a saúde mental não deve ser pensada como um suplemento, um anexo ocasional à estrutura da escola, mas como um eixo transversal, estruturante e absolutamente necessário para a construção de um ambiente educacional saudável, humanizado e significativo. O educador, enquanto sujeito relacional e mediador do processo de ensino-aprendizagem, também é afetado por tensões, frustrações e pressões que impactam diretamente sua capacidade de acolher, escutar e ensinar. A saúde mental, nesse sentido, não diz respeito apenas aos alunos em sofrimento, mas atravessa toda a cadeia formativa, exigindo uma revisão profunda da lógica tradicional que rege a formação de professores.

Ainda operamos, em grande parte das redes de ensino, com uma pedagogia centrada na técnica, na normatização e na homogeneização dos processos. Embora atualizadas legalmente, as diretrizes curriculares ainda falham em preparar os futuros docentes para os desafios éticos, emocionais e relacionais da sala de aula contemporânea. Esse desencontro entre a formação e a realidade escolar fragiliza o professor, ampliando o risco de desgaste e adoecimento. A ausência de preparo para lidar com a dimensão subjetiva da educação compromete a qualidade das relações pedagógicas e reforça práticas autoritárias. Por isso, é urgente repensar currículos, estágios e espaços institucionais de escuta e apoio.

A literatura acadêmica nas áreas da psicopedagogia, psicanálise e saúde coletiva tem proposto a ressignificação da prática docente com foco na humanização das relações e na saúde mental como elemento central do sucesso pedagógico. Abordagens como a psicopedagogia humanista, inspirada em Rogers (1961) e Maslow (1954), e a terapia cognitivo-comportamental de Beck (1976), têm sido aplicadas em contextos escolares para favorecer o acolhimento e reduzir sintomas emocionais que afetam a aprendizagem. No plano internacional, modelos como o australiano "*Be You*" e o britânico "*Whole School Approach*" mostram que integrar saúde mental à formação docente e à cultura institucional da escola é possível e necessário, oferecendo referências valiosas também para o contexto brasileiro.

No Brasil, iniciativas como o "Programa Saúde na Escola (PSE)" e projetos locais como o "Escola que Cuida" têm promovido ações pontuais relevantes, mas ainda carecem de

ISSN 2674-7227

continuidade, capilaridade e integração plena com a formação docente. A maioria dessas ações permanece desconectada do processo formativo universitário, funcionando como parcerias externas e episódicas. A ausência de uma política nacional consistente voltada à saúde mental dos educadores revela a necessidade de movimentos institucionais mais robustos e estruturantes.

Por isso, este trabalho defende que a saúde mental deve deixar de ser tratada como resposta emergencial e passar a ser reconhecida como estratégia formativa. Isso implica conceber o professor como sujeito integral, que precisa ser cuidado e preparado para cuidar, por meio de dispositivos formativos orientados pela ética do acolhimento, da escuta e da mediação simbólica. A formação docente, assim, deve ser reestruturada com base no autoconhecimento, na escuta qualificada e no cuidado com o outro, permitindo ao educador reconhecer sofrimentos, lidar com conflitos e criar ambientes de aprendizagem saudáveis. Essa transformação exige não apenas ações individuais, mas políticas públicas e mudanças institucionais que reconheçam a saúde mental como direito e fundamento de uma educação democrática.

Este estudo tem como **objetivo principal** analisar criticamente a relação entre saúde mental e formação docente, a partir de uma revisão de literatura sistematizada e da apresentação de modelos concretos de atuação no Brasil e em outros países. Busca-se, com isso, oferecer subsídios para uma transformação necessária: a construção de uma escola em que ensinar e aprender sejam, também, experiências de cuidado, acolhimento e humanização.

Metodologia

Este é um estudo **teórico-reflexivo**, de **abordagem qualitativa**, que examina criticamente a relação entre saúde mental e formação docente na educação básica. A escolha por essa abordagem decorre da complexidade do tema, que exige uma análise contextualizada e atenta às dimensões subjetivas do campo educacional. A reflexão baseia-se em uma **revisão de literatura sistematizada** de textos nacionais e internacionais publicados **nos últimos quinze** anos, incluindo artigos indexados em bases como SciELO, CAPES Periódicos, Google Acadêmico e ERIC, além de livros e documentos institucionais voltados às políticas públicas educacionais.

As fontes selecionadas foram incluídas com base em sua relevância para os campos da psicopedagogia, formação docente, saúde coletiva e psicanálise aplicada à educação. Além da revisão de literatura sistematizada, o estudo analisa modelos internacionais, como o "*Be You*"

ISSN 2674-7227

(Austrália) e o "*Whole School Approach*" (Reino Unido), que exemplificam a integração da saúde mental à formação docente e à cultura escolar.

Epistemologicamente, a pesquisa adota uma perspectiva psicopedagógica ampliada, que considera as dimensões cognitivas, emocionais, afetivas, sociais e culturais da aprendizagem. Fundamenta-se em autores como Piaget, Vygotsky, Rogers, Maslow e Beck, reconhecendo a subjetividade e o contexto como elementos centrais. A psicopedagogia é compreendida aqui como um campo transdisciplinar voltado à construção de intervenções formativas éticas, sensíveis e eficazes.

A análise teórica foi estruturada em três eixos: (1) o lugar da saúde mental na formação docente inicial e continuada; (2) experiências institucionais voltadas à promoção da saúde mental na escola; e (3) os limites e possibilidades das políticas públicas brasileiras diante do sofrimento psíquico no contexto educacional. Esses eixos orientaram a leitura crítica do material, articulando-o à **questão central da pesquisa**: "Como integrar, de forma efetiva e estruturante, a saúde mental à formação docente no século XXI?".

A pesquisa adotou a análise de conteúdo temática, identificando núcleos de sentido e categorias interpretativas nos textos selecionados. Mesmo sem coleta de dados em campo, a leitura foi guiada por rigor metodológico e escuta sensível, buscando evidências da presença da saúde mental na formação docente.

Ao escolher uma abordagem teórico-reflexiva, o estudo valoriza a capacidade de questionar discursos naturalizados e propor novas formas de pensar e agir na educação. Assim, a metodologia se afirma como prática de escuta crítica e compromisso ético com a transformação educacional.

Resultados e discussões

A análise mostra que a saúde mental segue sendo tratada de forma periférica na escola, com ações pontuais e pouca articulação institucional, mesmo diante do aumento do sofrimento emocional no pós-pandemia. A formação docente no Brasil dedica pouco espaço ao tema, o que gera insegurança, sobrecarga e desamparo diante das demandas psíquicas no cotidiano escolar.

Modelos internacionais, como o "*Be You*" e o "*Whole School Approach*", mostram caminhos possíveis ao integrar saúde mental à formação e à cultura escolar. No Brasil, iniciativas como o PSE enfrentam fragilidades estruturais e falta de continuidade.

ISSN 2674-7227

A literatura aponta estratégias promissoras, como a inclusão de competências socioemocionais, escuta ativa, autocuidado e práticas coletivas que fortalecem vínculos e promovem bem-estar.

Integrar a saúde mental à formação docente é urgente: deve ser eixo transversal das políticas educacionais, promovendo uma escola que cuide de quem ensina e aprende.

Considerações finais

A formação docente precisa incorporar, de forma efetiva, a saúde mental como eixo estruturante da prática educativa. A docência envolve processos emocionais, relacionais e simbólicos que não podem ser ignorados. Professores emocionalmente preparados atuam com mais sensibilidade, escuta e empatia. A escola deve ser um espaço de acolhimento, diálogo e desenvolvimento humano.

É essencial que políticas públicas garantam suporte institucional, formação continuada e condições adequadas de trabalho. A formação inicial deve incluir conteúdos sobre subjetividade, cuidado e manejo do sofrimento psíquico. A escola do século XXI exige um educador inteiro, consciente de si e preparado para cuidar do outro.

Modelos internacionais mostram que é possível integrar saúde mental e educação de forma concreta e eficaz. No Brasil, essa integração ainda é incipiente, mas há caminhos possíveis. A escuta, o acolhimento e a construção de vínculos são práticas formativas e transformadoras.

Sem saúde mental, não há processo educativo sustentável. Valorizar o educador como sujeito integral é condição para promover uma educação justa, sensível e coerente com os desafios contemporâneos. É tempo de reconhecer o cuidado como fundamento da formação e da prática docente.

REFERÊNCIAS

BECK, Aaron T. **Terapia cognitiva e os transtornos emocionais**. Rio de Janeiro: Artmed, 1976.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. **Pesquisa em Ciências Sociais**: o projeto da dissertação de mestrado. Fortaleza: EUFC, 1999.

MASLOW, Abraham H. **Motivação e personalidade**. São Paulo: Cultrix, 1954.

MILNER, Alison J. et al. **The impact of the Be You program on school mental health in Australia**. Australian & New Zealand Journal of Psychiatry, v. 55, n. 3, p. 205–215, 2021.

ISSN 2674-7227

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEIST, Mark D. et al. **Advancing school mental health**: lessons learned from a national initiative. School Mental Health, v. 3, n. 1, p. 1–16, 2008.

ISSN 2674-7227